

"Preparando o professor de Educação Física para a inclusão: formando colegas tutores como estratégia de apoio"

Sugestão de título abreviado para cabeçalho: "Inclusão: capacitação do professor e colegas tutores"

"Preparing the Physical Education teacher to the inclusion: training tutor colleagues as support strategy"

“Preparando o professor de Educação Física
para a inclusão: formando colegas tutores como
estratégia de apoio”

Sugestão de título abreviado para cabeçalho: “Inclusão:
capacitação do professor e colegas tutores”

“Preparing the Physical Education teacher to the inclusion:
training tutor colleagues as support strategy”

Autores:

- Prof^a. Ana Paula Oliveira de Andrades - Universidade Federal de Santa Maria/RS
- Prof^a. Dr^a. Luciana Erina Palma - Universidade Federal de Santa Maria/RS

O leitor poderá enviar correspondência a: Ana Paula Oliveira de Andrades, Avenida João Machado Soares, 699/65. Residencial Novo Horizonte, Bairro Camobi, Santa Maria - RS. Cep: 97.100-000.

E-mail: paulinhaoa@yahoo.com.br

Correspondência com o editor: paulinhaoa@yahoo.com.br e/ou lupalma@smail.ufsm.br

Telefone: (55) 3220-8368

RESUMO

Preparando o professor de Educação Física para a inclusão:
formando colegas tutores como estratégia de apoio

Analisar a preparação da professora de Educação Física e a formação de colegas tutores como estratégia favorecedora de inclusão de ANEE nas aulas foi o objetivo do estudo. O grupo foi representado por 24 alunos, sendo 01 aluno com deficiência física do 5º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de Santa Maria/RS, a professora de Educação Física da escola e a pesquisadora. Foram realizados 04 encontros de preparação da professora e 03 encontros de formação dos colegas tutores, com duração de 100 minutos cada encontro, tendo como instrumento avaliativo o registro de ocorrência dos mesmos. A iniciativa da estratégia por colegas tutores e principalmente a formação de toda uma turma para tal função, propiciou a propagação de informações relevantes a mais indivíduos que poderão levar adiante os conhecimentos adquiridos, o que torna viável e positiva a utilização da proposta.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física, Professor; Inclusão; Tutores.

ABSTRACT

Preparing the Physical Education teacher to the inclusion:
training tutor colleagues as support strategy

To analyze the preparation of the Physical Education teacher and the formation of tutor colleagues as endowed strategy of inclusion of ANEE (students with special educational needs) in the classes was the objective of the study. The group was compounded by 24 students where 01 student with physical deficiency of the fifth year of fundamental schooling of a municipal school in Santa Maria/RS, the physical education teacher of the school and searcher. Four reunions were realized to prepare the teacher and three training reunions of the tutor colleagues, with the duration of a hundred minutes each reunion, using as evaluating agent the occurrence register of them. The initiative of the strategy by colleagues and tutors and mainly the training of a whole team to this role, has propitiated the propagation of important informations to more individuals that will carry forward the acquired knowledge, what becomes practicable and positive the employment of the proposition.

KEY WORDS: Physical Education; Teacher; Inclusion; Tutors.

Introdução

A busca pelos direitos humanos está cada dia mais intensa em nosso mundo. Passamos pela conquista da igualdade entre os sexos, onde a mulher foi a luta pelo seu direito de exercer as mesmas atividades em que a prevalência era de homens. Contudo, nos aproximamos cada vez mais da conquista pelos direitos sociais em que a pessoa com e sem deficiência possa desfrutar dos mesmos setores, como: saúde, serviços, lugares, informações, desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional.

O tema sobre inclusão escolar vem sendo alvo de muito debate, pois como temos visto e é sabida, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, atribui como uma de suas metas a inclusão de alunos com deficiência na escola normal e que estes tenham atendimento educacional especializado. Mas, para que tal movimento se torne realidade, as escolas precisam ser (re)estruturadas e os professores precisam (re)significar suas práticas pedagógicas.

Para favorecer a efetivação da proposta da inclusão escolar, acredita-se que a utilização de estratégias, isto é, de caminhos diversificados pelos quais o professor pode se servir para incluir alunos com deficiência em suas aulas seja um meio eficaz, dependendo da criatividade do professor e da agilidade com que o mesmo possa adaptar um material, um

ambiente ou mesmo uma atividade para que todos possam participar.

O professor de Educação Física, conforme coloca Rodrigues (2003), por ser o mais simpático dentre os demais, participando do recreio dos alunos, muitas vezes sendo o confidente e, ainda, por seus conteúdos preverem certa flexibilidade em relação a outras disciplinas, se estivesse preparado para tamanha transformação dentro da escola, seria o principal facilitador da proposta.

Sendo assim, e acreditando que a necessidade primeira é a de preparar o professor, este estudo estará voltado para a formação docente, por pensarmos que os professores são os "mais cobrados" dentro do setor educacional e, portanto, os interessados no assunto, visando à efetivação da inclusão escolar.

Sabe-se que existem inúmeros fatores que dificultam a viabilização da inclusão escolar, tais como: apoio às escolas, acessibilidade física e social. Neste sentido o estudo demonstra sua importância em prol do professor de Educação Física, especialmente, buscando relacionar questões específicas sobre a preparação do professor para formar

colegas tutores favorecendo a inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE)¹.

O estudo teve como principal objetivo analisar a preparação do professor de Educação Física e a formação de colegas tutores como estratégia favorecedora de inclusão de ANEE nas aulas.

Logo, preocupa-se em preparar o professor, pois com a implementação da estratégia se espera dar um passo inicial, ou seja, propiciar ao professor o auxílio de um grupo de alunos da escola que favorecerão a inclusão em classes normais, oportunizando o direito a mesma educação que as demais crianças têm tenham elas necessidades educacionais especiais ou não. Neste sentido, buscamos respostas para o seguinte problema: é possível preparar o professor de Educação Física para formar colegas tutores como estratégia favorecedora de inclusão de ANEE nas aulas?

Destaca-se, contudo, a relevância social do estudo na medida em que aponta novos caminhos para que seja concretizada a inclusão no contexto educacional e que esta se propague pela sociedade em geral, tendo pessoas preparadas para esta tarefa. Ainda, o apoio dado também aos pais, amigos e pessoas que se interessam pelo tema.

¹ (...) grupo de pessoas que compreendem os alunos: com deficiência (física, mental, sensorial e múltipla), os com dificuldades de aprendizagem, os superdotados ou com altas habilidades e os que apresentam condutas típicas das síndromes neurológicas, psiquiátricas e psicológicas graves. (CARVALHO (1998, apud PALMA, 2004, p.79)).

Aponta-se, contudo, aos interesses científicos e acadêmicos, pois se trata da divulgação de importantes informações e contribuições no uso prático de uma estratégia de ensino inclusivo para os professores de todas as redes de ensino e, portanto, direcionador de futuras investigações, de aprofundamento da proposta e descoberta de novas estratégias.

Quando o assunto é inclusão escolar, o professor é sempre o mais cobrado pelo sistema educacional e, por tamanha responsabilidade que demanda tal situação, é o responsável direto por propiciar e viabilizar mudanças como esta nas escolas.

O começo de tudo é a escolha da profissão. Desde tenra idade as crianças já se imaginam exercendo certas atividades para quando se tornarem adultos. Espelham-se na profissão dos pais, na de outras pessoas, professores, amigos dos pais, enfim, nas primeiras interações as crianças já iniciam as futuras escolhas.

Assim, GORI (2001, apud Duek e Olivera, 2004, p. 52) coloca que a opção por determinada profissão "apoia-se num conjunto de representações que, enquanto jovens, temos sobre nós mesmos, sobre o nosso papel de adulto, sobre a sociedade em que vivemos, sobre esta ou aquela carreira escolar e sobre um futuro exercício profissional".

Dessa forma, se poderia dizer que a profissionalização não ocorre somente durante a formação acadêmica, nas universidades e sim ao longo de toda a vida, pois "Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações." (MOITA, 1992, p. 115, apud DUEK e OLIVEIRA, 2004, p. 51).

Sabe-se que não se nasce professor. Esta é uma condição que vai sendo construída a cada dia através das vivências e interações trocadas com o meio em que se vive e outros momentos e situações significativas.

Para ser professor a exigência vai além de cursos de formação profissional, isto é, precisa, contudo, o curso de formação pessoal, especialmente no caso de facilitar a inclusão de ANEE. Acredita-se que para esta tarefa, ao professor é exigida experimentações cotidianas e concretas, isto é, o contato com ANEE ou com pessoas com necessidades educacionais especiais (PNEE).

A atuação eficiente do professor não se dá por "acúmulo de cursos, conhecimentos ou de técnicas", como coloca Duek e Oliveira (2004, p. 53), mas essencialmente por um

(...) processo de autoconhecimento, onde estar em formação implica um envolvimento pessoal, um trabalho reflexivo sobre os

percursos trilhados e projetos em andamento que estão diretamente relacionados à construção identitária no qual os professores constroem a si mesmos e a profissão, com a sua presença, maneira de ser e de interagir com os outros.

O curso de graduação, entre outros momentos, possibilita a vivência, o momento de experimentarmos o trabalho em diversas realidades e com diferentes populações e, sem esta formação, não se pode profissionalmente atuar como professor.

Rodrigues (2005, p. 56) aponta três fatores principais mencionados pelos professores quanto à responsabilidade por barrar a inclusão dentro das escolas, são eles: "i) a falta de formação dos professores para empreender práticas inclusivas, ii) a carência de recursos e iii) a ausência de mudanças estruturais na escola que sustentem as inovações."

O professor deve estar preparado para inovar procurando recursos alternativos e criativos para superar os entraves diante do processo de inclusão. Por exemplo, trabalhar com as diferentes mídias é uma estratégia atrativa e que pode gerar um meio eficaz para ensinar sobre a diversidade.

Autores, professores e estudiosos falam sobre a viabilização da inclusão utilizando-se de estratégias como um

caminho alternativo para o desenvolvimento de aulas e como um recurso auxiliar no processo, adaptando materiais, reestruturando o ambiente para o processo de inclusão de ANEE no contexto educacional.

Lima (2001, p. 41) complementa dizendo que "A educação inclusiva implica na criação de alternativas metodológicas que contenha em seus princípios a operacionalização de meios para proporcionar a compactuação das experiências tanto individuais, quanto coletivas."

Logo, "O aspecto da insuficiência é notório quando se constata a capacidade econômica reduzida das escolas para obter recursos julgados essenciais." (RODRIGUES, 2005, p. 58). Contudo, algumas preocupações e queixas feitas pelos professores e que direta e indiretamente sobrecarrega a viabilização da inclusão é a falta de apoio no que tange aos recursos humanos.

Com vistas a carência evidenciada, foi que a estratégia de tutoria, dentre outras utilizadas no âmbito escolar, foi desenvolvida como "um recurso que o educador utiliza emparelhando um aluno com deficiência com outro com ou sem deficiência, sempre caracterizando algum contraste na capacidade de aprendizagem". (Mauerberg-deCastro, 2005, p. 9).

O professor não consegue dar atenção preferencialmente a cada um dos alunos e é neste sentido que a estratégia do colega tutor vem a somar e, como explica Nabeiro ([20__?]), "além de colaborar com o professor, auxilia o aluno com deficiência que não tem recurso para acompanhar a aula sozinho."

Entretanto, para que a tarefa seja bem sucedida "otimizar os esforços de tutores no processo de aprendizagem são competências fundamentais a serem atingidas no processo de capacitação como professor" (MAUERBERG-DECASTRO (2005, apud MAUERBERG-DECASTRO, 2005, p. 11).

Sendo assim, a formação de colegas tutores se faz importante, pois o professor de Educação Física nem sempre está disponível para todos os alunos impossibilitando-se, por vezes, de alcançar os objetivos em relação as interações pessoais, como nos esclarece Mauerberg-deCastro (2005).

Metodologia

O estudo realizou-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio do Canto, Santa Maria/RS, durante o primeiro semestre letivo de 2006. Com exceção dos encontros de preparação da professora de Educação Física da escola, os demais momentos foram realizados no horário das aulas de Educação Física da turma.

O grupo de estudo foi composto por uma turma do 5º ano do ensino fundamental, constituída por 24 alunos, sendo 01 ANEE, com deficiência física², incluído. Contou-se, ainda, com a participação da pesquisadora e da professora de Educação Física da escola.

Caracterizou-se como uma pesquisa participante tendo em vista a preocupação em se conscientizar um grupo da sociedade para uma ação coletiva em busca da emancipação. Como coloca André (1995, p. 33) "(...) há uma preocupação em proporcionar a essas classes sociais um aprendizado de pesquisa da própria realidade para conhecê-la melhor e poder vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a".

Para o desenvolvimento do estudo os seguintes passos forem seguidos: entrevista com a professora de Educação Física para conhecer as necessidades presentes; juntamente com a preparação da professora, observações das aulas de Educação Física e adaptação do ANEE e conversa com a mãe objetivando maiores informações sobre o aluno; e semanalmente, com duração de 100 minutos, realizou-se (04) quatro encontros de preparação da professora, buscando uma conscientização sobre a importância do tema e planejamento das estratégias de formação dos colegas tutores.

² (...) diferentes condições motoras que acomete as pessoas comprometendo a mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em consequência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênitas ou adquiridas. (MEC, 2004 apud SILVA, 2006, p. 17).

Durante a preparação da professora de Educação Física foram promovidas discussões no sentido de esclarecer pontos importantes e relevantes sobre inclusão, a deficiência do ANEE da turma, dicas de como atuar com o aluno, discussão de filmes infantis que abordassem a diversidade e a exclusão X inclusão, facilitando a elaboração de estratégias para que se desenvolvesse este trabalho com os tutores da turma.

A formação dos colegas tutores ocorreu semanalmente, com (03) três encontros com duração de 100 minutos cada. Especificamente se buscou: criar e desenvolver normas básicas (regras) de convívio social (respeito, cooperação e solidariedade), formar colegas tutores que pudessem favorecer a inclusão de ANEE, implementar atividades que reforçassem o respeito, cooperação, solidariedade, convivência na diversidade e a aprendizagem para todos, além de sessão de filme promovendo conscientização e apresentação das necessidades do ANEE bem como cuidados especiais com o mesmo.³

De maneira didática, educativa, atrativa e ao nível de entendimento da turma, o filme "A Era do Gelo", dirigido por Lori Forte (2002), escolhido de maneira aleatória dentre outros que poderiam ser reproduzidos aos alunos, foi

³ É importante destacar que o presente artigo pretende apontar aspectos relacionados especificamente aos encontros de preparação da professora de Educação Física e a formação

apresentado como um meio de envolver a problemática da inclusão no contexto escolar partindo de questões referentes à exclusão, a estética, a mudança de atitude e a valorização da diversidade.

Como método avaliativo tanto para a observação das aulas quanto para a preparação da professora e a formação dos colegas tutores, foi elaborado registros de ocorrência⁴. Ainda, foi solicitado redações sobre os encontros, principalmente aos alunos da turma 51, mas à professora de Educação Física também.

Descrição, Resultados e Discussão

Buscando propiciar continuidade à formação docente o estudo foi um meio de levar informações sobre como poderia acontecer a inclusão de ANEE em aulas de Educação Física.

No decorrer dos encontros, ao invés de legitimar a discussão sobre as questões levantadas como desabafo ou como um meio propício de buscar informações para fundamentar novos conhecimentos sobre inclusão, a professora concluiu em um texto o seguinte: "A inclusão está se dando em função da obrigatoriedade da lei, a comunidade não está preparada para

dos colegas tutores e não esclarecimentos sobre os demais procedimentos encaminhados como conversa com a mãe do ANEE, observações e adaptação do ANEE às aulas e regras construídas.

⁴ Segundo Sant'Anna (1995), a ficha de registro de ocorrência apresenta espaço para um grande número de observações, além de ser cumulativo podendo ser aplicado por um longo período. Para maiores informações consultar a obra.

receber as pessoas com necessidades especiais, ainda existe o preconceito. O professor não está preparado para trabalhar com ANEE, capacidade para buscar o conhecimento toda pessoa tem, o que falta são condições até mesmo financeiras para essa busca. A comunidade escolar também não tem o preparo adequado para interagir com o aluno e talvez esteja excluindo até de uma forma indireta pela falta de preparo mesmo.” (E. M. S., 12 de abril de 2006).

O que se percebe é que não sendo alimentada pelas necessidades na atuação profissional a professora aderiu às dificuldades, deixando-se “desmascarar as roupagens usuais de rejeição e da negação”, como nos diz Amaral (1994, p. 81), colocando-se na posição de quem não foi preparada pelo seu currículo formativo para trabalhar com a inclusão, como se o preparo e/ou a formação profissional estivesse só vinculada ao período de graduação e após a entrada no mercado de trabalho não se tivesse mais o que aprender.

Confrontando as evidências, Amaral (1994, p. 83-84) afirma que “A contribuição dos **profissionais** (para a boa qualidade da “argamassa”) abrange vários aspectos, sendo alguns de caráter institucional, outros de cunho profissional e outros ainda de estofo pessoal.”.

Dessa forma, ratifica-se que formação profissional tem muito a ver com uma relação entre formação pessoal e

profissional, por isso, estamos em constante formação, constante busca e, não só podemos como devemos ir além daquilo que acreditamos suficiente. Ainda que não se receba o respaldo merecido para o bom desenvolvimento do trabalho, devem-se buscar respostas às necessidades e ir ao encontro daquilo que acreditamos e como professores devemos primar: a educação dos alunos, indistintamente.

Na busca de um meio prático para instigar maior participação e procurando uma possível estratégia para a formação dos colegas tutores, discutiu-se com a professora sobre o filme "A Era do Gelo", pois se acreditou que o mesmo, utilizado como um de inúmeros recursos, para problematizar sobre questões importantes, poderia ser um meio de favorecer mudanças de atitudes e de aceitação das diferenças individuais e daí se partirem rumo às aulas de Educação Física e as atividades que por ela são promovidas.

Em síntese, a história é marcada por conflitos e menosprezo entre diferentes espécies, mas, também, pela celebração da diversidade e mudança de atitude pelas quais os indivíduos passam para que o novo se concretize, para que atitudes se modifiquem.

Porém, a professora não teve interesse em discutir as questões relacionadas ao filme, argumentando que não tinha nenhuma idéia sobre a abordagem do mesmo. Ainda, desabafou

sobre a dificuldade enfrentada pelo estudo, citando inúmeras barreiras que mais uma vez nos levam a perceber a situação naquele momento experimentada pela professora, expressando “*medo e necessidade de defesa*”, como nos ensina Amaral (1994, p. 30), “fenômenos atuantes quando uma pessoa se depara com uma situação de ameaça”.

O outro, o diferente, o deficiente representa muitas e muitas coisas. Representa a consciência da própria imperfeição daquele que vê, espelha suas limitações suas castrações. Representa também o sobrevivente, aquele que passou pela catástrofe e a ela sobreviveu, com isso acenando com a catástrofe em potencial, virtualmente suspensa sobre a vida do outro. Representa também uma ferida narcísica em cada pai, em cada profissional, em cada comunidade. Representa um conflito não camuflável, não escamoteável – explícito – em cada dinâmica de interrelações. (AMARAL, 1994, p. 30).

Alguns encontros foram tematizados com questões práticas e particulares sobre o ANEE, como dicas para o manuseio e cuidados com a cadeira de rodas⁵, características individuais do aluno e sua trajetória desde o nascimento⁶, onde se observou um aproveitamento particular da professora, favorecendo momentos construtivos e interessantes pela participação atenta, tendo em vista a objetividade de questões sobre o ANEE.

⁵ “O comprometimento dos membros inferiores interfere na capacidade de locomoção, exigindo, em muitos casos, o emprego de órteses e próteses. A existência de condições ambientais que facilitem o acesso e permanência na escola dos alunos que utilizam aparelhos, muletas e cadeira de rodas constitui um dos principais fatores que contribuem com o processo inclusivo desses alunos.” (SILVA, 2006, p. 31). O aluno em questão se locomove através do uso da cadeira de rodas, por isso, foi abordado sobre manuseios com a cadeira de rodas.

Porém, mesmo tendo se observado interesse nestes encontros, a discussão foi preterida. Neste sentido, Amaral (1994, p. 48) argumenta que “Para a sociedade: trabalhoso trabalhar com o diferente, abrir espaço para ritmos inusuais, para necessidades específicas, para tudo que foge à grande facilidade oferecida pelo homogêneo.”.

Com a formação dos colegas tutores, foram elaboradas e legitimadas regras como medida de contenção de atitudes desagradáveis, como: desrespeito às outras pessoas, falta de cooperação, falta de solidariedade, além de questões relacionadas à desorganização das aulas e das atividades⁷. O uso de regras é importante para favorecer a participação e a aprendizagem de todos, além de mediar interações e comportamentos, conforme colocam Valentine e Toigo (2004).

Aos encontros de formação dos colegas tutores, objetivou-se conscientizar e motivar os alunos com atividades em que todos conseguissem ter sucesso favorecendo o processo de inclusão do ANEE.

Neste sentido, algumas dicas são sugeridas por Mauerberg-deCastro (2005), para o processo de formação dos colegas tutores, como por exemplo: o primeiro grande passo é a) “apresentar a criança para o tutor e vice-versa. Este

⁶ Informações obtidas em conversa com a mãe do aluno.

⁷ Comportamentos constatados através de observações feitas em aulas de Educação Física da turma.

formalismo mostra que o professor espera o vínculo, amizade e responsabilidade mútua" (p. 12); b) todos os momentos de socialização existentes entre tutores e seus pares durante uma aula devem ser aproveitados pelo professor de acordo com o objetivo proposto; c) de acordo com a meta determinada, utilizar jogos cooperativos para testar a atenção e avaliar a complexidade e capacidade que o tutor apresenta para administrar seu par dentro da atividade; d) o tutor deve ser orientado sobre os itens de segurança, além de "manobras físicas que facilitam a independência do aluno com deficiência." (p. 12); entre outras.

Contudo, falou-se aos alunos sobre a proposta do estudo e se explicou sobre o que era inclusão. Realizou-se o planejamento das regras, efetivando-se um ambiente inclusivo e atividades de reforço sobre as mesmas, o que corroborou para o sucesso do encontro.

Com o objetivo de desenvolver uma atividade que reforçasse o convívio na diversidade e as regras acertadas no encontro precedente, foi que se assistiu ao filme "A Era do Gelo" e se pediu aos alunos que redigissem um texto sobre as questões relacionadas: a) O que o filme abordou? b) Por que a escolha do filme? c) Com qual personagem do filme eu me identifiquei? Por que eu me identifiquei com a personagem escolhida?

Neste encontro, os 24 alunos estavam presentes e demonstraram interesse e atenção pelo filme, verbalizando comentários a respeito do mesmo. Apenas quatro alunos ficaram dispersos ao momento, realizando atividades paralelas.

Analisando os textos redigidos pelos colegas tutores se observa que o intento foi alcançado, apresentando bons resultados em relação à proposta, como pode ser visualizado nos trechos descritos: "por que a professora trouxe o filme* Para ser amigo e para ser unido."; "A era do gelo é um filme de desenho entre amigos. Pois isso mostra uma lição muito importante que devemos ser amigos e ter amigos."; "Porque você acha que a professora levou esse filme? Para mostrar que o companherismo e a amizade são muito importante numa hora dessas. Com qual personagem você se indentifica? Por que? Com o bicho-preguiça, porque ele quer ser sempre amigo dos outros e tem bastante bom humor"; "Eu achei o filme muito bom, a diferença dos animais um ser um mamuti e outro ser bicho preguiça a diferença deles é muito grande é como se fosse uma melancia e o outro ser uma cereja. Mas não importa o tamanho o peso, nós todos temos que ser amigos um do outro."; etc.

No último encontro buscou-se demonstrar manuseios e cuidados básicos com a cadeira de rodas, explicar à turma particularidades sobre o ANEE e a deficiência física, além de

desenvolver atividades onde os alunos pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos.

Em relação a isto, apresentar formalmente os tutores a seus pares é extremamente importante. Logo, deve-se atentar para os seguintes aspectos: “Durante ou mesmo antes do treinamento do tutor, aulas separadas com debates e palestras ajudam o aluno a melhorar seu conhecimento sobre as características de uma deficiência (...)”. É importante que “(...) informações sejam passadas coerentemente com o nível de entendimento do grupo. Paralelamente, este conhecimento deve ser justificado nos princípios de segurança e do desenvolvimento da criança antes que numa curiosidade pelo atípico ou incomum”. (Mareberg-deCastro, 2005, p.13).

Com base no modelo apresentado, o ANEE foi dispensado do último encontro, pois se falou muito sobre ele, assim como sobre suas peculiaridades e como e quando os colegas deveriam auxiliá-lo. Dessa forma, acreditou-se que em função da idade em que o ANEE se encontrava, 11 anos, ele gostaria de demonstrar aos seus colegas todas as suas habilidades, o que pode e consegue fazer, podendo ficar constrangido ao se deixar claro onde se encontravam as limitações e onde estariam as potencialidades, necessitando do constante incentivo e auxílio dos colegas da turma.

Ferreira (2003) fala da adolescência e seus efeitos psicológicos e sociais desencadeados pelos processos biológicos levando-nos a atentar a tal fato em relação a dispensa dada ao ANEE no momento em que ele seria o foco, e por se acreditar que os colegas tutores deveriam saber as reais condições e quais as exigências quanto a segurança. Outeiral, 1994 apud Ferreira, 2003, p. 83, contribui dizendo que

Convencionou-se distinguir em três fases, uma inicial, a pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) em que os problemas biológicos têm predominância; a adolescência média (dos 14 aos 16 anos), em que o jovem procura estabelecer sua identidade e, portanto, a problemática é psicológica; e a adolescência final, maior ou juvenil (dos 16 aos 20 anos) em que predomina os problemas sociais.

Conforme o exposto, podemos inferir a complexidade do momento, pois além de o ANEE estar passando pelas mudanças biológicas da pré-adolescência, transformações inerentes a sua faixa etária, também se depara com os problemas psicológicos e sociais em função da sua constituição física e identitária como um indivíduo com deficiência física, buscando tanto a própria aceitação como a aceitação dentro da comunidade escolar e social.

As atividades desenvolvidas com os colegas tutores no último encontro foram marcadas por "deboche", "chacota",

preconceito e discriminação. Desta forma, percebeu-se que as regras elaboradas pelos alunos se desvalorizaram, deixando de significar. A este fato, inúmeras razões tornam compreensiva a atitude da turma, tais como: os alunos cansaram das regras, pois as mesmas eram somente utilizadas nos encontros de formação dos colegas tutores, num momento isolado, ou seja, nos demais espaços da escola, com os demais professores e funcionários da instituição, elas não eram válidas, deixando de significar.

Outra motivo, poderia ser que os alunos não quisessem participar daqueles encontros de formação de colegas tutores, não queriam comprometer seu tempo e espaço com cuidados especiais a um ANEE.

Especificamente neste encontro, aonde os alunos chegaram ao limite do desrespeito, destaca-se a presença da professora onde, mesmo não tendo se comprometido em desenvolver os encontros de formação dos colegas tutores concedendo total autonomia à tarefa à pesquisadora, autorizou que um dos alunos a se retirasse do encontro, demonstrando descaso pelo estudo⁸.

⁸ Mesmo a pesquisadora sendo a responsável pela formação dos colegas tutores, ficou estabelecido que a professora de Educação Física participasse de todos os encontros, tendo em vista a realização dos mesmos no horário das aulas, o que não se procedeu, com exceção do 3º encontro, onde o descontrole da turma foi total e a falta de interesse se confirmou.

Porém, nos textos pôde-se comprovar o interesse e aprendizado dos alunos onde os trechos relatam: "nós não sabia como mecher em uma cadeira-de-rodas e como é difícil viver assim."; "A cadera de rodas ela pode levar a pessoa em lugares mas ela não pode fazer tudo o possível, tem pessoas que andam sozinhos com sua cadera mas tem outras que tenham que ser carregadas por outras pessoas como o nosso colega que usa cadera-de-roda para ele não é facil andar assim, então pescisamos ter respeito a ele e as outras pessoa que andam também de cadera-de-rodas porque ela é uma coisa muito importante."; "Que nós nunca devemos sair empurrando a cadeira dele. Devemos perguntar se ele quer que o leve para fora ou em qualquer lugar";entre outros.

Em um contexto geral, durante o processo de formação dos colegas tutores, no decorrer de três encontros realizados foram solicitados dois trabalhos escritos que pudessem comprovar a participação efetiva dos alunos e o trabalho do 1º encontro, somente de participação, mas que através da observação pode-se constatar a relevância daquele momento para o processo em questão.

Contudo, mesmo com muita resistência, analisando a participação dos colegas tutores nos encontros e a entrega das tarefas solicitadas, de 24 alunos da turma, de alguma forma o estudo motivou 16 alunos, estes participando

efetivamente dos encontros, tarefas e atividade desenvolvidas, e, mesmo que ainda subjetivamente, modificou alguns pensamentos e atitudes, assim como nos diz Hellison, 1990b (apud Valentini e Toigo, 2004, p.37):

Por meio das relações construídas nas aulas de Educação Física, as crianças aprendem comportamentos e constroem valores pessoais e sociais, desenvolvendo habilidades que auxiliam a enfrentar, de forma construtiva, os problemas sociais que estão presentes em suas vidas e generalizando essas habilidades para a participação social.

Contudo, destaca-se a importância deste estudo, além de representar o significado da utilização da estratégia por colegas tutores para favorecer a inclusão de ANEE. Ainda, a estratégia se faz mister tendo em vista o círculo de relações que através da mesma se faz, ou seja, Mauerberg-deCastro (2005, p. 13) nos diz que "a tutoria não se restringe a uma relação unilateral do aluno sem deficiência auxiliando a aprendizagem do aluno com deficiência" o vínculo estabelecido ultrapassa "dois-a-dois ou tutor-alunos, ela se estende ao educador, à família, à comunidade, e insere-se na própria história pessoal de quem vive a experiência."

Logo, o professor deve experimentar, vivenciar, descobrir, ir além de suas possibilidades, pois como educador é facilitador do conhecimento e deve estar sempre atento,

atualizado para poder promover ações inovadoras e fundamentadas em prol da inclusão escolar e demais projetos e propostas que envolva o bem estar do quadro discente.

Considerações finais

No que se refere a formação acadêmica e profissional, identificou-se na professora da escola, por meio das palavras e das atitudes, o despreparo, mas principalmente a "ameaça" por ter sido chamada a desempenhar uma tarefa que implicava modificações na sua maneira de pensar, na sua forma de agir e na sua metodologia de ensinar. Sem falar na contrariedade que existe por trás de questões de como lidar com o diferente, o deficiente.

Facilitar o processo da inclusão através de colegas tutores acredita-se como sendo válido. O aluno da escola pode ser considerado como um auxiliar responsável, pois como membro integrante do contexto escolar, assim como, a merendeira, a secretária, o porteiro, enfim, toda a comunidade escolar, os colegas tutores deveriam estar sabendo "nome, personalidades, potencialidades e histórias singulares" (MAUERBERG-DECASTRO, 2005, p. 13) pertinentes ao ANEE da sua sala, da sua escola para poder auxiliá-lo em todos os setores da instituição e, por que não, até mesmo socializar com ele na vizinhança.

Embora sendo encarada como um processo que ainda “engatinha”, a inclusão é possível de ser vislumbrada e principalmente legitimada por aquele(s) profissional(is) que tem prazer por aquilo que faz. Pessoas com iniciativa, criatividade, espírito de liderança, vontade de conhecer, vivenciar, modificar, etc, coisas novas, diferentes, são e serão sempre capazes de efetivar a proposta e tudo o mais que surgir. É claro que a experiência, o contato, a vivência anterior (seja familiar, na vizinhança ou em estágios acadêmicos) com ANEE facilita este trabalho, pois qualquer que seja o contato já pode ser visto como um pré-requisito para a jornada posterior.

Para que haja iniciativa e não fuga e que o quadro docente e demais funcionários das escolas se mobilizem para conhecer, informar-se, conversar com familiares, demais profissionais, etc, de ANEE, faz-se necessário que estes alunos estejam presentes no nosso cotidiano.

Formar-se professor. Devemos introjetar este efeito como algo ilimitado, infinito, etc. Como educadores estamos constantemente nos (trans)formando. A formação, seja ela pessoal, profissional, não termina jamais, é algo contínuo e somente através de novas e inúmeras experiências é que podemos modificar nossas práticas, pessoais, profissionais e, neste caso, pedagógicas como educadores.

Pessoalmente, com o estudo, inúmeros foram os aprendizados adquiridos. Um deles, há que se dizer, foi a aquisição de criticidade em relação as diferentes posturas visualizadas durante o estudo: a postura da escola, da professora de Educação Física da escola, dos alunos da turma 51 e da proposta de pesquisa, assim como todos elementos constituintes da mesma.

Citando, dois momentos em que se fez crítica, foram: primeiro, em relação à postura e atitudes da professora da escola, aprendendo, contudo, que não se está preparado para não discriminar, isto é, mesmo se tratando de um tema em que devemos estar atentos ao horror que é discriminar o diferente, o novo, o inusual, etc, discriminou-se a falta de atitudes inclusivistas por parte da professora e, desta forma, também se sentiu "ameaça", pois se quis fugir da realidade da não cumplicidade com o estudo.

Outra foi em relação ao estudo, ou seja, falar de inclusão é relacionar da diretoria até o porteiro, além de ser um estudo em longo prazo, que não se estabelece em poucos meses, com poucos encontros. Assim sendo, o estudo terminou por se caracterizar como mais uma ação isolada dentro do tema inclusão escolar, levando-nos a inferir que quatro encontros de preparação da professora e três encontros de formação dos

colegas tutores é pouco tempo para a concretização das metas almejadas.

Mesmo acreditando que a proposta deveria ter rastreado, de preferência, outros setores do ambiente escolar, sabe-se que o estudo e a pesquisa em inclusão, assim como em todos os temas, devam partir de um ponto inicial, por exemplo, a preparação da professora para formar colegas tutores para a inclusão. Neste sentido, o estudo em pauta apresenta méritos especiais, pois partiu de dois pontos bastante importantes: a preparação da professora e a formação de colegas tutores, ou seja, o trabalho com a professora e com os alunos da escola.

Particularmente, pensa-se que a experiência acadêmica em projetos de pesquisa e extensão, além da vivência pessoal, com certeza proporciona uma postura segura, firme, capaz e competente para buscar o estabelecimento de atitudes inclusivistas, de aceitação do novo, do diferente, do deficiente, enfim, favorece pessoalmente e, mais ainda, profissionalmente conhecer cada aluno com um ser único, seres diferentes, buscando nisso a troca de experiências, vivências, o trabalho em grupo.

Acredita-se que alguma mudança a realização do estudo (des)estruturou dentro da escola, assim como na comunidade escolar. Um grande diferencial por consequência do estudo foi

a iniciativa da estratégia por colegas tutores e principalmente a formação de toda uma turma para o desempenho de tal função, pois neste caso a propagação de informações importantes foi maior, atingindo mais indivíduos que poderão levar adiante os conhecimentos adquiridos, o que torna viável e positiva a utilização da proposta.

Mesmo com a resistência, a "ameaça", o medo, etc, apresentado por todos durante o estudo, embora elementos negativos se acredita que tenham causado mudança de atitude, tenham modificado pensamentos e continuarão transformando, pois, de certa forma, foi dado o "passo inicial" e espera-se que os próximos passos sejam continuados, se não por atitudes "crítica e analítica", ao menos se tenham "preocupações e atitudes altruístas" (Mauerberg-deCastro, 2004, p. 13), para prosseguir inicialmente.

Para futuros estudos na área da Educação Física, sugere-se visualizar a estratégia de colegas tutores na prática, contudo, podendo viabilizar a conscientização por meio de filmes condizentes com o nível de complexidade e entendimento dos colegas tutores que estarão sendo formados. Contudo, reforça-se o estabelecimento de troca de informações com a família de ANEE, bem como outros profissionais que atuem com o aluno para obtenção do maior número possível de

informação que possa ser pertinente para o planejamento de um programa inclusivista no contexto escolar.

A resposta para o problema de tal investigação é sim. Talvez a palavra mais correta para a proposta não seja "preparar" e sim "capacitar" o professor para a realidade iminente que é a inclusão de ANEE no espaço escolar e social. Dessa forma, se afirma que foi minimamente possível conscientizar tanto a professora, com raras constatações, quanto, alguns poucos alunos.

Mesmo com o "despreparo" aparentemente apresentado, o professor que se alimenta das suas necessidades profissionais e, contudo, reflete sobre as suas limitações no trabalho procura espaços e meios para melhorar sua atuação, despindo-se dos pré-conceitos, buscando inovações e obtendo informações que nos levem a descobrir a real legitimidade da estratégia por colegas tutores e outras mais que possam ser elaboradas.

Referências:

A ERA DO GELO. Produzido por Lori Forte. Dirigido por Carlos Saldanho. Música de David Newman. 1 DVD (min), Color.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença: deficiência.** Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

ANDRÉ, M. E. D.A. de; **Etnografia da prática escolar**. 2ª ed. Papirus Editora: Campinas, SP, 1995.

DUEK, Viviane Preichardt; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular: ressignificando a formação pessoal e profissional da educadora infantil. In: **Revista Educação Especial**. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Educação Especial. Santa Maria, 2004.

FERREIRA, Berta Weil. Adolescência e inadaptação social. In: **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LIMA, Sonia Maria Toyoshima; DUARTE, Edison. Educação física e a escola inclusiva. In: **Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada: temas em educação física adaptada**. [S.L.]: SOBAMA, Curitiba, 2001.

MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. Tutores: a inclusão parceira. In: **Adapta: a revista profissional da Sobama**. Universidade Estadual Paulista - Rio Claro, 2005.

NABEIRO, Marli. **Em companhia dos colegas: alunos com deficiência visual ganham aliados para a prática de educação física**. Disponível em:

<<http://www.unesp.br/noticias/arquivo/181102a.htm>>. Acesso em 17 ago. 2005.

OMOTE, Sadao. A construção de uma escala de atitudes sociais em relação à inclusão: notas preliminares. In: **Revista brasileira de educação especial**. Universidade Estadual Paulista. V. 11, nº 1, 2005. Marília: ABPEE/FFC - UNESP - Publicações, 2005 - Quadrimestral.

PALMA, Luciana Erina. Comunicação: fundamentos para mediação pedagógica em educação física para alunos com necessidades educacionais especiais. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS, 2004.

PEDRINELLI, Verena Junghähnel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física adaptada**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SILVA, Adilson Florentino da. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

RODRIGUES, David. **A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas**. Disponível em: <<http://www.sobama.org.br/revistavirtual>>. Acesso em: 17 ago. /2003.

RODRIGUES, David. Educação inclusiva: mais qualidade a diversidade. In: FREITAS, Soraia; RODRIGUES, David; KREBS,

Ruy (org.). **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? : como avaliar? : critérios e instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VALENTINI, Nádía Cristina e TOIGO, Adriana Marques. **Ensinando educação física nas séries iniciais: desafios e estratégias**. Canoas: Unilaslle, Salles, 2004.

ANEXO

(Normas para publicação na Revista Sobama)

**Normas para Publicação da Revista da Sociedade Brasileira de
Atividade Motora Adaptada (Sobama)**

I. Tipos de colaboração aceitos pela revista da Sobama

Trabalhos originais relacionados à área de atividade motora adaptada que se enquadrem nas seguintes categorias:

1. Relato de pesquisa: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia científica.
2. Estudo teórico: análise de construtos teóricos, levando ao questionamento de modelos existentes e à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas.
3. Relato de experiência profissional: estudo de caso, contendo análise de implicações conceituais, ou descrição de procedimentos ou estratégias de intervenção, contendo evidência metodologicamente apropriada de avaliação de eficácia, de interesse para a atuação de profissionais em áreas afins.
4. Revisão crítica da literatura: análise de um corpo abrangente de investigação, relativa a assuntos de interesse para o desenvolvimento da área de atividade motora adaptada.
5. Comunicação breve: relato de pesquisa sucinto, mas completo, de uma investigação específica. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
6. Ponto de Vista: Temas de relevância para o conhecimento pedagógico, científico, universitário ou profissional, apresentados na forma de comentários que favoreçam novas idéias ou perspectivas sobre o assunto. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
7. Carta ao Editor: avaliação crítica de artigo publicado na revista da Sobama ou resposta de autores à crítica formulada a artigo de sua autoria. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
8. Nota técnica: descrição de instrumentos e técnicas originais de pesquisa. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

9. Resenha: revisão crítica de obra recém publicada, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais. Limitado a 6 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

Poderá também ser publicada, a critério do editor:

10. Notícia: divulgação de fato ou evento de conteúdo relacionado à área de atividade motora adaptada, não sendo exigidas originalidade e exclusividade na publicação. Limitado a 6 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

II. Apreciação pelo conselho editorial

O manuscrito - nas categorias 1 a 8 - é aceito para análise pressupondo-se que: (a) o mesmo não foi publicado e nem está sendo submetido para publicação em outro periódico; (b) todas as pessoas listadas como autores aprovaram o seu encaminhamento à revista da Sobama; (c) qualquer pessoa citada como fonte de comunicação pessoal aprovou a citação.

Os trabalhos enviados serão apreciados pelo editor-chefe e pelos editores associados especialistas nas áreas afins, que deverão fazer uso de consultores *ad hoc*. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus manuscritos. Os manuscritos, mesmo quando rejeitados, não serão devolvidos.

Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pelo editor-chefe ou pelos editores associados. Quando estes julgarem necessárias modificações substanciais, o(s) autor(es) será(ão) notificado(s) e encarregado(s) de fazê-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de duas semanas. Manuscritos re-submetidos depois do prazo de seis meses do envio do último resultado da análise pelos consultores não serão considerados para continuidade do processo de revisão. Neste caso, serão considerados como uma submissão nova e um novo processo de avaliação será reiniciado.

III. Forma de apresentação dos manuscritos

A revista da Sobama adota as normas de publicação da APA (American Psychological Association), exceto em situações específicas onde há conflito com a necessidade de se assegurar o cumprimento da revisão cega por pares, regras do uso da língua portuguesa, normas gerais da ABNT, procedimentos internos da revista, inclusive características de infra-estrutura operacional. Os manuscritos devem ser redigidos em português. Excepcionalmente, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão poderão ser aceitos, a critério dos editores.

Os manuscritos originais deverão ser encaminhados em quatro cópias—sendo uma cópia com identificação completa dos autores e três cópias sem identificação—digitados em espaço duplo, fonte tipo Courier, tamanho 12, não excedendo, quando for o caso, o número de páginas apropriado de cada categoria em que o manuscrito se insere. A página deverá ser tamanho carta, com formatação de margens superior e inferior no mínimo de 2,5 cm, esquerda e direita no mínimo de 3 cm.

Obs. geral: Nunca utilize caixa alta em palavras inteiras (exemplo: ATIVIDADE MOTORA) em nenhuma etapa do manuscrito. Utilize, quando apropriado, apenas a inicial em caixa alta (exemplo: Atividade Motora).

A apresentação dos trabalhos deve seguir a seguinte ordem:

1. Folha de rosto despersonalizada contendo apenas:

1.1. Título sem abreviações, em português, não devendo exceder 10 palavras.

1.2. Sugestão de título abreviado para cabeçalho, não devendo exceder 4 palavras.

1.3. Título sem abreviações, em inglês, compatível com o título em português.

2. Folha de rosto personalizada contendo:

2.1. Mesma informação dos itens 1.1; 1.2 e 1.3. acima.

2.2. Nome de cada autor, seguido por uma afiliação institucional apenas e por extenso por ocasião da submissão do trabalho.

2.3. Indicação do autor a quem o leitor do artigo deve enviar correspondência, seguido de endereço completo, de acordo com as normas do correio. Se disponível, o endereço eletrônico deve também ser indicado.

2.4. Indicação de endereço para correspondência com o editor sobre a tramitação do manuscrito, incluindo fax, telefone e, se disponível, endereço eletrônico.

3. Folha contendo o Resumo, em português.

O resumo deve ter no máximo 150 palavras para manuscritos na categoria 1, e 100 palavras para manuscritos nas categorias 2, 3, 4 e 5. As demais categorias não admitem resumo. Ao resumo devem-se seguir 3 a 5 palavras-chave para fins de indexação do trabalho.

No caso de relato de pesquisa, o resumo deve incluir: descrição sumária do problema investigado, características pertinentes da amostra, método utilizado para a coleta de dados, resultados e conclusões, suas implicações ou aplicações.

4. Folha contendo o abstract (resumo em inglês), compatível com o texto do resumo em português. O abstract deve obedecer às mesmas especificações para a versão em português, seguido de key words (palavras-chave em inglês), compatíveis com as palavras-chave em português.

5. Texto propriamente dito.

Em todas as categorias de trabalho original, o texto deve ter uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por um sistema de títulos e subtítulos que reflitam esta organização. No caso de relatos de pesquisa o texto deverá, obrigatoriamente, apresentar: introdução, metodologia, resultados e discussão. Uma citação literal com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 5 espaços da margem, na mesma posição de um novo parágrafo. O tamanho da fonte deve ser 12, como no restante do texto.

6. Referências, ordenadas de acordo com as regras gerais que se seguem. O formato da lista de referências deve ser apropriado à tarefa de revisão e de editoração apresentando além de espaço

duplo e tamanho de fonte 12, parágrafo normal com recuo apenas na primeira linha, sem deslocamento das margens seguintes

IV. Tipos comuns de citação no texto

Citação de artigo de autoria múltipla

1. Dois autores. O sobrenome dos autores é explicitado em todas as citações, usando e ou & conforme abaixo:

"O método proposto por Ulrich e Thelen (1979)" ou "Este método foi inicialmente proposto para o estudo da marcha automática (Ulrich & Thelen, 1979)"

2. De três a cinco autores. O sobrenome de todos os autores é explicitado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só o sobrenome do primeiro autor é explicitado, seguido de "et al." e o ano, se for a primeira citação de uma referência dentro de um mesmo parágrafo:

"Mattos, Lima e Teixeira (1994) verificaram que..." [primeira citação no texto];

"Mattos et al. (1994) verificaram que..." [citação subsequente, primeira no parágrafo];

"Mattos et al. Verificaram..." [omite o ano em citações subsequentes dentro de um mesmo parágrafo].

Citação de obras disponíveis na Internet

Se houver nome de autor e data do artigo, utilizar as orientações apresentadas até o momento. Se não houver data da publicação, mencione o autor e a seguir, entre parênteses, 's.d.`.

"Gorla e Araújo (s.d.)..."

"... muitos links interessantes. (Endereços interessantes, s.d.)."

V. Exemplos de tipos comuns de referência

1. Relatório técnico.

Birney, A.J. & Hall, M.M. (1981). Early identification of children with written language disabilities (relatório n. 81-1502). Washington, DC: National Education Association.

2. Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado.

Haidt, J., Dias, M.G. & Koller, S. (1991, fevereiro). Disgust, disrespect and culture: Moral judgement of victimless violations in the USA and Brazil. Trabalho apresentado em Reunião Anual (Annual Meeting) da Society for Cross-Cultural Research, Isla Verde, Puerto Rico.